
FINITUDE E SENTIDO DE VIDA: BREVE REFLEXÃO DA EXISTÊNCIA COMO PREPARAÇÃO PARA A MORTE EM CONTEXTO DE BRASIL

FINITUDE AND MEANING OF LIFE: BRIEF REFLECTION ON EXISTENCE AS PREPARATION FOR DEATH IN BRAZILIAN CONTEXT

FINITUD Y SENTIDO DE LA VIDA: BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA EXISTENCIA COMO PREPARACIÓN PARA LA MUERTE EN EL CONTEXTO BRASILEÑO

Felipe Kevin Ramos da Silva¹

<http://lattes.cnpq.br/0085563630551317>

<https://orcid.org/0000-0003-3881-8791>

RESUMO: Que significa pensar a *existência* como preparação para a morte? Esta pergunta será nossa guia mediante à duas dimensões que, de um modo geral, se manifestam – ao menos a partir destas palavras – como ícones referências para um mergulho sensível. A partir disso, *finitude* e *sentido(s) de vida* correspondem a essas dimensões elementares para (re)pensarmos nossa educação ocidentalizada a respeito da *morte* e sua potencial capacidade de nos afetar. Trata-se de questionar o processo educativo no qual estamos submetidos, tratando a morte como algo distante, uma espécie de tabu, algo a ser evitado. Portanto, a partir de uma análise fenomenológica, venho propor uma abertura educacional onde a busca (eterna) pelo entendimento da morte seja parte indissociável de nosso ser e, por assim dizer, meio para o qual direcionamos nossas atitudes e valores humanos, considerando, evidentemente, a atual conjuntura política brasileira.

Palavras-Chave: Classe média brasileira; Vida-e-morte; Política da morte.

ABSTRACT: What does it mean to think of existence as preparation for death? This question will be our guide through the two dimensions that, in general, manifest themselves - at least from these words - as reference icons for a sensitive dive. From this, finitude and meaning(s) of life corresponding to these elementary dimensions to (re)think our westernized education about death and its potential ability to affect us. It's about questioning the educational process we're hitting, treating death as something distant, a kind of taboo, something to be avoided. Therefore, from a phenomenological analysis, I propose an educational opening where the (eternal) search for the understanding of death is an inseparable part of our being and, so to speak, the means to which we direct our human attitudes and values, considering, of course, a current Brazilian political situation.

Key words: Brazilian middle class; Life and death; Politics of death.

¹ Doutorando em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA). E-mail: prof.felipekevingeo@gmail.com.

RESUMEN: ¿Qué significa pensar en la existencia como preparación para la muerte? Esta pregunta será nuestra guía a través de las dos dimensiones que, en general, se manifiestan -al menos a partir de estas palabras- como iconos de referência para una inmersión sensible. A partir de esto, la finitud y el (los) significado (s) de la vida corresponden a estas dimensiones elementales para (re) pensar nuestra educación occidentalizada sobre la muerte y su potencial capacidad para afectarnos. Se trata de cuestionar el proceso educativo en el que estamos sometidos, tratando la muerte como algo lejano, una especie de tabú, algo a evitar. Por tanto, a partir de un análisis fenomenológico, propongo una apertura educativa donde la búsqueda (eterna) de la comprensión de la muerte es parte inseparable de nuestro ser y, por así decirlo, el medio al que dirigimos nuestras actitudes y valores humanos, considerando, por supuesto, la actual situación política brasileña.

Palabras clave: clase media brasileña; Vida y muerte; Política de la muerte.

INTRODUÇÃO

“A ventura da minha existência, porventura a sua singularidade, consiste na sua fatalidade: estou, para me exprimir em forma de enigma, já morto quanto a meu pai, mas, no tocante à minha mãe, vivo ainda e vou ficando velho.”

Nietzsche (2008a).

A responsabilidade com as palavras deveria ser um de nossos primeiros ensinamentos de/em vida, de tal maneira a distinguir, embora interdependentes, nossa habilidade de falar (verbalizar) e comunicar, entendendo esta última como capacidade de atravessar o *outro* mediante a lucidez com as próprias expressões verbais. A palavra, como forma constituinte da linguagem e esta, por sua vez, dentro de uma perspectiva heideggeriana, sendo a morada do ser, vibra e potencializa emoções, transforma espaços e tempos, pensamentos diversos e, portanto, promove ações. Nietzsche (2008), por exemplo, ao analisar sua existência como um caminhar trágico – que é diferente de pessimismo – para a morte, nos desvela, dentre muitas outras coisas, a existência como abertura compreensiva e preparação para a *morte*.

Mediante ao que foi dito, que significa a *morte*? Mais precisamente, que significa pensar a existência como preparação para a morte? É um caminhar que exige de cada um de nós uma específica educação desde nossa mais tenra infância; uma postura mediante as (in)certezas que, conforme Morin (2015), escapa de nossas mãos, nos provocando angústias. No entanto, tais emoções incertas da vida, que não são determinantes, podem buscar sua serenidade – porém, não plena – pela busca do entendimento do ser-aí que as manifesta e permite ser afetado por tais emoções, no mundo, incluindo, de tal maneira, o sentido que é manifestado pelo e partir de

nossa finitude. Para Sartre (2014), esse processo é fundamental, pois buscar conhecer nossas emoções é, ao mesmo tempo, ter consciência da existência de si, no mundo, em diálogo com outras emoções.

A partir disso, peço que me permitam, a partir deste breve ensaio, dialogar de forma desimpedida e de “espírito livre”, como diria Nietzsche (2008), para que possamos caminhar juntos dentro de uma atmosfera, muitas vezes, árida, melancólica e densa, mas também espontânea como se estivéssemos em uma mesa de bar onde cada um conta sua história e versões diferentes das mesmas. Crentes ébrios, amigos/as que ora se amam e ora se odeiam e, mediante aos paradoxos da vida – que na verdade, segundo Nunes (2016), constitui nosso *Dasein* ou ser-aí – vamos trazer a *existência*, entendida como extensão para o mundo, como ponte que nos leve à reflexão/diálogo a respeito da *morte*.

Um momento de “pandemias” no Brasil, como sugere Silva (2021), se destaca neste momento; é como se estivéssemos olhando para o reflexo de nossa própria vida e nos perguntando: qual sentido disso tudo? Do nascimento ao declínio vital, vida-e-morte surge como aquarela da existência, cores mescladas que inspiram sentidos que são, sobretudo, sentidos políticos. De tal maneira, precisamos considerar a atual conjuntura brasileira, onde o bolsonarismo surge como política da simplificação da vida-e-morte à lógica mesquinha, narcísica e egoísta da classe média que, inclusive, é marca histórica da formação social do Brasil (SANTOS, 2002; SOUZA, 2015).

Com os devidos cuidados, mas sem “pisar em ovos”, proponho a abertura do referido diálogo a partir de dois movimentos, além da introdução e conclusão, a saber: 1) finitude, consciência e sentido de vida; 2) O sentido político da vida-e-morte em breve contexto de Brasil. Mediante a estas propostas, considera-se, evidentemente, o atual momento pandêmico que não é só viral, mas, sobretudo, ético, moral e político e provoca adoecimento dos lugares e dos corpos.

FINITUDE, CONSCIÊNCIA E SENTIDO DE VIDA

– Diga... Por que os... livros ficam... Ficam... À margem? Por que também... O homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência? Consciência? Hein? Diga-me!

Dalcídio Jurandir (2019).

Encontro-me em uma região desamparada pelo Estado – o que não é nenhuma surpresa. Situo-me entre rios e florestas que estão sendo destruídos/as; as populações e povos choram todos os dias. Uma Amazônia que reclama e protesta cotidianamente contra a ganância dos projetos colonialistas do agronegócio, das mineradoras e do genocídio promovido pelo atual Governo Federal. Uma Amazônia já anunciada por Jurandir (2019), desamparada, onde a própria humanidade que aqui e ali habita, encontra o declínio da vida com certa facilidade. Uma atmosfera niilista paira por esses lados da Terra há um certo tempo e me parece, que em meio a tantos assédios, até Deus entrou em extinção e ressurgiu, quando não raro, nas pequenas cidades interioranas como instrumento de persuasão política.

A consciência deste destino me parece certo; conduz-me a finitude como forma de me situar mediante à uma região de grandes desafios, histórias marcadas pela exploração, conforme Loureiro (2002), e que por sinal, em muitos casos, direciona a precariedade à vida de algumas populações. Esse primeiro relato de consciência me faz lembrar de Laura, a mulher que ganha vida na obra *Andurá*, um romance ficcional de Paes Loureiro (2020).

O sofrimento de Laura mediante à uma realidade, muitas vezes condicionada pelo precário desenvolvimento local – onde as oportunidades são ínfimas e o moralismo social, fundamentado no patriarcalismo é forte – lança a jovem mulher ao desencanto com a vida, desejando, em muitos casos, pela falta de novas perspectivas, a morte. Laura estaria anunciando a emergência para pensar no que Frankl (1978) chamou de “morte em vida”?

Este diálogo surge sem muitas pretensões, mas, talvez, “intencionalidades”, conforme Husserl (2006), sob as quais, nos direciona à consciência de si na constituição experiencial do sentido de vida, proporcionado por uma realidade vivida. Desta maneira, peço um pequeno espaço em meio a essas palavras para dizer um pouco de mim. De formação acadêmica sou geógrafo. De formação humana, sou um ser-no-mundo, inquieto.

De tal maneira, como distinguir tais consciências se são justamente estas que fundamentam meu sentido de vida, até o momento? Desde muito tempo interessei-me pela ideia de (re)pensar a própria consciência das ideias, sobretudo a partir da Amazônia, onde habito e compartilho experiências. Uma espécie de genealogia de mim mesmo como forma de me sentir parte daquilo que falo, escrevo e me possibilito a sentir.

Este é um exemplo que sempre esteve presente em minha trajetória na universidade, pois geralmente participava de eventos relacionados a filosofia, Ciências da Religião, etc. Hoje, infelizmente, nem tanto. Aliás, durante minha graduação, vale lembrar, desenvolvi o TCC sobre o sentido ontológico de espaço e lugar a partir de Heidegger e Merleau-Ponty (SILVA, 2015),

sendo orientado pelo Prof. Dr. Wladirson Cardoso que, infelizmente, fora acometido, precocemente, pela covid-19. Falar um pouco de mim é associar o que está escrito ali no título deste primeiro movimento: **finitude**. Tal palavra é capaz de movimentar montanhas e, portanto, tem potência, tem força.

A crença do Prof. Wladirson em meu trabalho é inspiradora, que em outros momentos solicitados foi negado por professores/as da minha área de atuação como “algo que pouco tem a contribuir”. De todo modo, fui premiado, em 2015, com o Prêmio de Melhor TCC em Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Lembro-me da felicidade do Professor quando soube da notícia. A este, sou eternamente grato e desta maneira, sua gentil disponibilidade em me orientar o torna eterno para mim. A morte de alguém querido e que admiramos nos afeta de tal maneira que a negação do fato é quase que impossível de ser evitada. Por um outro lado, em meio a esse processo doloroso, a consciência da finitude reclama seu lugar, aos que se dispõem o entendimento da seguinte pergunta: como queres ser lembrado?

Uma pergunta que não precisa de resposta imediata, mas, talvez, de um posicionamento reflexivo que, de alguma forma, nos faz entender que habitamos no outro, afinal, conforme Sartre (2014, p. 24) “para obter qualquer verdade sobre mim é necessário que eu passe pelo outro”. Finitude, portanto, não é o mesmo que morrer, tal como entende a cultura cristã ocidental. Seu sentido enquanto palavra não se encerra em si. Finitude requer que pensemos no “ser-para-a-morte”, mediante Heidegger (1988), por exemplo e, a partir disso, entender que um dia, sim, nosso corpo vai reclamar o descanso eterno, mas nossas palavras, que um dia atravessaram os ouvidos de nossos parentes, amigos e amores, serão eternas, afinal, como nos ensina Laura, “as palavras faladas são necessárias quando queremos sair de nós mesmos para alguém”². Desta maneira, nos eternizamos e, por assim dizer, nossa voz é um ato político que absurdamente vem sendo silenciada por este atual Governo da morte.

A consciência de nossa finitude pode ser isto, sempre ter em mente as razões pelas quais se vive, apesar das incertezas da própria realidade. É, de um modo geral, considerar, como norte reflexivo, por exemplo, as terríveis experiências em campos de concentração sob as quais foi submetido o psicólogo austríaco Victor Frankl (1905-1997), durante a ditadura nazista (1933-1945). Experiências diversas e antagônicas, muitas vezes, se encontram aqui, neste momento. Victor Frankl (1987) tem uma razão para viver; consegue publicar, em 1945, sua obra intitulada

² Por uma questão de estética, vou escrever neste espaço a referência: (LOUREIRO, 2020, p. 127).

Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração, fruto de suas experiências nos espaços já citados. Dentre elas, uma me chama atenção, a saber:

... Perguntei a companheiros que já estavam há mais tempo no campo de concentração onde poderia ter ido parar meu amigo P. – “Ele foi mandado para o outro lado?” – “Sim”, respondi. – “Então podes vê-lo ali”, disseram. “Onde?” Uma mão aponta para uma chaminé distante algumas centenas de metros, da qual sobe assustadora e alta labareda pelo imenso e cinzento céu polonês, para se extinguir em tenebrosa nuvem de fumaça. “O que há ali?” – “Ali o teu amigo está voando para o céu”, é a resposta grosseira. Continuo sem entender; mas logo começo a compreender, assim que me “iniciam” no assunto (FRANKL, 1987, p. 26).

Assustado, comovido com tanta crueldade, onde a vida, seja de um homem ou de uma mulher, se torna banal, algo já denunciado por Arendt (2003). Neste mergulho sensível, Victor esbarra em sua finitude. A partir deste momento, o psicólogo, até então condenado a este espaço da vida agonizante, nos conduz ao entendimento de que o perigo não mora necessariamente na morte enquanto fim, mas na forma como isso acontece em vida.

A consciência da morte em vida pode nos proporcionar o entendimento da realidade a partir do que ela é, evidenciando que nossa finitude pouco tem a ver com a morte enquanto estagnação do corpo, pois a vida é muito mais que o ato de respirar, mas é o modo como conduzimos nossas atitudes e nossos valores enquanto podemos respirar! Nosso corpo, portanto, não é uma máquina de estímulos, conforme nos ensina defende Merleau-Ponty (1994). Em nosso corpo habita a aquarela de palavras faladas e vividas entre alegrias, choros e risos com os outros, familiares, amigos... constituição de nossa existência.

E, por assim dizer, o que é “existência”?

Para tal questionamento recorro à Sartre (2015), sem perder de vista as experiências diversas, de Victor à Laura, ao modo que, para o filósofo francês, o que importa não é o que a vida faz da gente, mas o que fazemos daquilo que a vida nos fez ser. Trata-se de uma processo que Sartre (2014, p. 24) em *O existencialismo é um humanismo* afirma ser o primado da realidade humana, ou seja, “se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida pra explicar alguma coisa”. Frankl (1978), por um outro lado, desenvolve esse pensamento a partir da “logoterapia” que, *a grosso modo*, é uma técnica e uma modo de interpretar a si mesmo considerando as próprias limitações e, partir daí, encontrar as forças para o qual o limite de si é, na verdade, uma abertura para novas ou renovas possibilidades. Que nos estimula, mediante a tantas incertezas, a vontade de viver?

Trata-se, certamente, de uma pergunta subjetiva, entendendo que o caráter subjetivo não nos impede de desenvolver, mesmo que minimamente, uma breve análise. Acredito que a “vontade

de viver” já anuncia um certo “querer” e isso tem a ver, de certo modo, com nosso ego. Compreender a vontade de viver recorre à existência como preparação para a morte, e a esta por sua vez, como parte indissociável do própria viver. Considero aqui nossa existência desde o primeiro choro, sorriso, abraço e afeto. A morte, por assim dizer, segundo Silva (2021), afetado, portanto, diretamente nosso ego na mediada que é entendida como fim psicofísico.

Na segurança dos braços de nossa mãe, somos afetados pelo sentido de mundo. Bachelard (1994), em sua *Psicanálise do fogo* desenvolve a ideia na qual a criança aprende duas coisas ao tentar, demasiadamente, aproximar-se do fogo: 1) aprende que sente dor ao tentar tocar neste elemento; 2) adquire a consciência do respeito para com o fogo e, portanto, deseja tê-lo, mediante suas limitações enquanto ser humano que sente dor. O fogo, em outras palavras, desvela nossa finitude. A própria calmaria do fogo de lenha, por exemplo, nos conduz ao devaneio do fogo como elemento (mais *social* do que *natural*) exigente de uma profunda reflexão que nos conduz, cada uma à sua maneira, pela busca dialógica da imagem do que somos e daquilo que projetamos como modo de vida.

Devanear, segundo Bachelard (1994, p. 23), é diferente de sonhar. O devaneio é um movimento livre, porém, situacionalizado, que exige de cada um de nós uma “contemplação bastante prolongada”. O sonho, por outro lado, é “linear”, conforme o filósofo. Pensar a respeito da vida, do viver melhor dizendo, é trazer à luz da consciência àquilo que desde a infância somos educados a evitar: devanear/pensar sobre a vida-e-morte.

Como evitar algo que faz parte de nós mesmos? Acreditamos desde muito cedo que podemos tudo, que tudo somos e que, portanto, nas entre linhas, compreendemos nossa totalidade enquanto ser-no-mundo. No entanto, considerando a atual conjuntura, tal compreensão ainda é insuficiente. O cristianismo, por exemplo, enraizado em nossa cultural ocidental, implica nesse processo no qual a vida “neste mundo” é efêmera e que, além disso, existe uma “vida após a morte”. Essa ideia, descomprometida com nossa existência, desvaloriza, por essência, a própria vida e, por vias morais, acaba promovendo um certo grau de niilismo³.

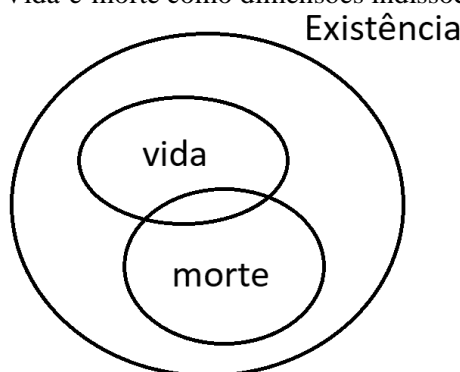
O ato de viver, neste caminhar, precisa estar vinculado à vontade de “querer” viver, desejando a vida como se deseja um copo d’água gelado em dias quentes. É um desejo que

³ Conforme Nunes (2011, 131 [com base em Nietzsche]), “...o niilismo é a culminância da decadência que teve a sua primeira causa na destituição da vida pela transcendência metafísica, ou do mundo após a morte, como recompensa ou como castigo”.

mantém o sentido perante a si mesmo enquanto um ser vivo, questionando a ideia aparente de organismo educado/programado para nascer-crescer-reproduzir-morrer.

É necessário saber sentir a existência como uma jornada de consciências. Algo atravessa e é atravessada por outras consciências como uma espécie de alfabetização do próprio ser que, agora, na constituição de seu “ser-aí” (*Dasein*), é capaz de considerar sua finitude não como um processo linear, mas de forma que venha conceber o conjunto, e isso inclui, naturalmente, uma abordagem sincera a respeito da vida-e-morte. É uma verdadeira “reforma do pensamento”, como diria Morin (2012, p. 97), que poderia ecoar positivamente para uma outra postura mediante nossa existência (Figura 1).

Figura 1 - Vida-e-morte como dimensões indissociáveis.



Fonte: autor.

Vida e morte são indissociáveis. Existe uma relação “dialógica” – conforme Morin (2012) entende sobre esta palavra – que nos permite a compreensão de ideias, aparentemente, opostas (vida vs. morte) para o entendimento, neste caso, da existência como fenômeno complexo, porém, acessível, em termos de consciência de si enquanto ser-para-a-morte, tal como nos propõe Heidegger (1989). Esta alfabetização para vida-e-morte é, ao mesmo tempo, um situar-se perante as circunstâncias da existência, de onde emana a busca pelo sentido.

Como base dessa alfabetização para vida-e-morte, é necessário ir para além do utilitarismo como processo meramente psíquico, físico, biológico ou do mercado financeiro global. Fala-se, por assim dizer, de nossa capacidade de perceber a si mesmo na constituição de mundo, permitindo-se ao próprio sentido. Com base em Merleau-Ponty (2015, p. 48), a “percepção de mundo” – entendida aqui como sentido de vida-e-morte – não se realiza, como defende a psicologia clássica, fora do mundo, mas é “precisamente uma propriedade do mundo humano”. Neste contexto, podemos destacar, novamente, Laura, ao dizer:

Sabe, meu amigo, eu me sinto como uma terra sem passado. Todas as pessoas que amei é como se as estivessem mortas. Ninguém me aceita. Vivo esvaziada de lembranças. Como se o tempo que passou não tivesse passado. Passei a lutar para me sentir vivendo apenas o presente. Mas como é possível alguém não ter passado? Mesmo assim quero esquecer o passado e não pensar no futuro. O passado porque já sei o que foi e, do futuro, não quero saber. Seria maravilhoso se tudo fosse apenas o presente. O nascer do dia seria como o nascer do tempo. O pôr do sol o fim do tempo. A noite seria para inventar de novo o dia. Podes pensar que sou doída maluca, mas vivo pensando nisso. Seria mais suportável para mim quando não há passado não se tem remorsos. Se não há futuro não existe esperança desenganada. O dia presente e pronto. Daria para viver sem sonhar em ser feliz. Sem ilusões. Queria que fosse assim. Diferente da vida que leva a mulher da vida só pensaria em fazer a felicidade momentânea dos outros e se sentir bem com isso. Sem pensar em si. Decretar sua inexistência e não querer existir sendo inexistida pelos outros, como que acontece comigo. Eu, mulher sem nome levada pelo cego destino, como um prisioneiro arrasta corrente que o escraviza. Como um animal que usa seu corpo sem ter memória nem esperança. Sem lembrar de onde perdeu sua virgindade e nem na macheza de quem. Nem daquele que lhe fez um encantamento sem torná-la uma encantada também como ele. Quando me possuiu não foi para me tornar imortal como ele. Tornou-me mais mortal do que eu já era. Não me ofertou nenhuma palavra. Nenhuma fala. E até meu nome ficou silenciado para os outros. Hoje estou desde batizada. Uma mulher sem nome próprio. Meu nome parece que infecciona os lábios de quem eu chamar. Tiraria a inocência das crianças. Consumiria a alma dos puros nas chamas do inferno. Cravaria mais espinhos na coroa de Cristo. ([Laura] LOUREIRO, 2020, p. 129-130)..

É uma carta direcionada à um amigo que, neste momento de diálogos profundos, a convida para conhecer outras cidades, novas oportunidades, quem sabe. Mediante aos diálogos, podemos perceber que Laura é escrava da moral pública, vítima de julgamentos hipócritas. Laura nos conta um pouco de seu sentido de vida. De como, melhor dizendo, sua existência vem se moldando mediante ao fato de ser uma mulher que sofreu por um “encantamento” (leia-se abuso sexual), mas que, porém, não se tornou encantada, conforme ela relata, ainda crente na famosa lenda do boto. Na verdade, como ela mesma diz, “tornou-me mais mortal do que já eu era”. A jovem mulher nos confessa suas dores:

Só para terminar. Meu pai, envergonhado com o que aconteceu comigo, foi escravo da moral pública que me condenava e me puniu também. Não poderia nunca ter uma filha puta, como dizia. Como se eu tivesse planejado, fosse culpada do que aconteceu. Enquanto o outro ficou impune. Era macho e macho é para conquistar mulher. Disseram todos que só podia ter sido o Boto, mas não adiantou nada. Parece que a lenda só beneficia o personagem da lenda que está sempre jovem e feliz [...]. ([Laura] LOUREIRO, 2020, p. 129-130).

O corpo afetado reclama pelo seu lugar. O lugar de sua infância, de seu nascimento, converte-se em fobia. Laura se consome em si mesma, se esgota. Mas, talvez, tenha em mente a razão pela qual professa tudo isso, pois, de certo modo, acaba por denunciar os abusos disfarçados, muitas vezes, de “encantaria”, como algo quase naturalizado. Evidencia o moralismo do patriarcado e como isso acabou à afetando, de tal maneira que, até mesmo seu

próprio pai, lhe menospreza. O modo como Laura conduz sua existência, mediante a consciência de sua realidade, é importante para que possamos entender o ato de viver como desafio sob o qual as circunstâncias podem nos conduzir a caminhos diversos.

“A vida, no entanto, lhe havia ensinado a depender dela mesma. Identificar-se consigo mesma”⁴. O relato de vida de Laura nos conduz a um humanismo que reclama um posicionamento existencialista capaz de conceber não somente a vida como algo efêmero ou simples “passagem”, mas na sinceridade de sua finitude, do própria ser que deseja, tem vontade de “querer” seu lugar, no mundo. Vontade desejanse que anuncia sua verdade em busca dela mesma como modo de ser-no-mundo. Ela é o que é em transformação e, por assim ser, é legisladora do próprio destino mediante as circunstâncias que, embora não sejam determinantes, mas podem afetar significativamente as ações, atitudes e valores.

De Nietzsche (2008) à Jurandir (2019), há possibilidade interpretativa de que vida-e-morte, mediante a finitude, é um complexo que recorre à realidade como ela é, com desafios, dores, sentimentos amargos e vontade de que as coisas possam ser menos pior do que foram ontem. Esse olhar trágico da realidade, evoca o niilismo como motor do modo de ser ocidentalizado que, por sua vez, reduz a vida-e-morte à parâmetros descomprometidos com a existência. Acreditando numa “vida após a morte”, a ideia platônica-cristã estimula a depreciação da vida que acontece aqui e agora e, neste ritmo, projeta um certo sentido político da vida-e-morte demasiadamente anti-humanista

O SENTIDO POLÍTICO DA VIDA-E-MORTE EM BREVE CONTEXTO DE BRASIL

A morte aqui é isolada como estratégia de ser fazer uma espécie de “política”. O que se busca, neste momento, é questionar a *doxa* (*δόξα*) imperativa em relação a vida-e-morte como determinação ética e política. Refiro-me ao isolamento da *morte* a partir de um conjunto de alianças entre o atual Governo Federal, as igrejas neopentecostais (em sua maioria) e os interesses de uma certa “elite” brasileira. É um conjunto que, na verdade, segundo Souza (2015), resume-se numa verdadeira “elite do atraso”, historicamente consolidada no Brasil. É

⁴ Loureiro (2020, p. 132).

um processo genealógico que percorre desde à escravidão e se intensifica com a ascensão do bolsonarismo, com os escandalosos casos de corrupção, violências de todas as formas, etc.

Destaca-se o completo descaso para com a ciência e com a saúde pública (SUS). De fato, são duas importantes dimensões (ciência e saúde pública) que há um certo tempo, conforme Freitas (2020), vem sofrendo com os desmontes por parte das políticas neoliberais intensificadas pós-golpe de 2016. Michel Temer assume a presidência, dando continuidade aos interesses voltados à privatização. Eleições de 2018, portanto, chegam como um divisor de águas e, inclusive, de corpos. Por um lado, a esquerda temendo a ascensão do bolsonarismo, este representando a extrema direita. Flertando com uma postura fascista, Jair Bolsonaro se elege presidente do Brasil com forte apoio das igrejas já referenciadas e de seletos grupos onde o *times is money* é o mantra sagrado.

Grosso modo, o cenário está armado (literalmente). Uma realidade que provoca excitação em muitos, é anunciando como um grito de libertação (do “comunismo”?), de tal maneira que, até mesmo, a corrupção estava com seus dias contados tendo como salvador o então juiz Sérgio Moro. Os heróis da pátria. De um país que historicamente vivência uma certa elite no comando, onde a classe trabalhadora, por sua vez, encontra-se na fronteira da miséria, esperar em termos de comprometimento com as *res pública* daqueles que desejem o fim da corrupção, mas fazem parte, é pura ingenuidade. Como desejar o fim de um mal se este desejo é, na verdade, a vontade de se fazer reproduzidor deste mal?

Existe, em meio a esse conjunto, articulações que envolvem não somente as dimensões materiais da vida, mas, sobretudo simbólicas. Uma dessas estratégias é a nítida articulação com as igrejas neopentecostais, justamente por possuírem grande influência em relação aos seus fiéis, que não são poucos. Os ditos cristãos, pastores, pregadores do evangelho, das “boas novas” de Jesus Cristo, enfim, comprometem-se abertamente⁵ com os ideais bolsonaristas⁶, onde armas, perseguições à ciência, desvalorização da educação pública, opressão à professores/as, intolerância religiosa, homofobia e ações antidemocráticas são expressões aceitas como ideal de sociedade por parte desses grupos. Lembrando que Jesus foi condenado justamente por sua inquietação referente às perseguições do império romano e, também, por

⁵ Breve discurso do pastor neopentecostal Silas Malafaia em ataques ao Supremo Tribunal Federal (STF), evidenciando seu total apoio à Bolsonaro e disposição para discursos antidemocráticos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GggN0kXnCQQ>. Acessado em 20 de setembro de 2021.

⁶ Um exemplo dessas alianças encontra-se no discurso proferido por Jair Bolsonaro no dia 07 de setembro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=38Pu1MEBIH4>. Acessado em 20 de setembro de 2021.

defender os mais vulneráveis, podemos dizer que essa “ala conservadora evangélica” é a anulação de si mesma, levando-nos ao seguinte questionamento: considerando a atual conjuntura política brasileira, será que, conforme Nietzsche (2007), de fato, “o último cristão morreu na cruz”?

Trazendo para atual realidade brasileira, podemos associar a afirmação de Nietzsche (2008) como uma expressão de cunho ético, moral e político, onde o próprio ato de ser cristão assemelha-se, hoje, como a negação da solidariedade (base do cristianismo) e de princípios do bem viver em sociedade, nos direcionando à um **sentido político da vida-e-morte** niilista. Quase 600 mil vidas, homens, mulheres, crianças, amigos, vizinhos, amores e familiares foram ceifados pelas práticas irresponsáveis do atual Governo Federal e sua coligação religiosa. Entre uma aglomeração e outra, as vacinas foram sendo negadas, adiadas, prejudicando a saúde pública e, por conseguinte, congestionando os hospitais; provocando estresse em diversas áreas da saúde; criando e fortalecendo incertezas.

Na prática, o bolsonarismo limita a vida em sociedade, desrespeitando as diferenças que constituem uma sociedade democrática conforme nossa Constituição Federal, de 1988. Paradoxalmente, esta prática precisa recorrer às “bases” sob as quais o mundo ocidental, ao menos político e moralmente, foi constituído. No bolsonarismo, portanto, existe uma ética, e isso não pode ser negado, na medida em que sua negação anularia os questionamentos. Tendo por bases os princípios de um cristianismo imposto à marteladas – haja vista que nem a máxima de Cristo “amar ao próximo como a si mesmo” é considerada – e a legitimação da Sagrada Família⁷ (a “Família de Bem”), o bolsonarismo, como ideia de sociedade, reafirma sua imaginativa contribuição para população brasileira.

Partindo do princípio de que “a política trata da convivência entre diferentes”, conforme Arendt (2018, p. 7), podemos dizer que o bolsonarismo vem colocando em dúvida a *diferença* como algo nocivo à vida ativa em sociedade. Percebe-se, a partir dessa breve reflexão, que tal prática política anula sua própria razão de existir, haja vista que, em meio a esse tratamento, há presença da negação do “princípio da diversidade”, ou seja, a definição de “família” (Bolsonaro) começa a fazer mais sentido para esta prática política do que a “participação ativa na pluralidade” e isso, conforme Arendt (2018, p. 7), afeta significativamente a coerência de

⁷ Segundo Arendt (2018, p. 7), “... a ruína em ambos os lados surge do desenvolvimento de corpos políticos a partida família. Aqui já está indicado o que se torna simbólico na imagem da Sagrada Família: Deus não criou tanto o homem como o fez com a família”.

política, anulando, por assim dizer, a “qualidade básica da pluralidade ou a perde através da introdução do conceito de parentesco”. Em outras palavras, o bolsonarismo enquanto prática política é a anulação de si mesmo e, portanto, só pode ganhar força como *modus operandi* de uma sociedade que historicamente é marcada pelas determinações elitistas.

Até mesmos os Direitos Humanos são colocados no caldeirão das incertezas como uma espécie de artifício “da esquerda” para proteger “bandido”. Os discursos de ódio, que são simplesmente jogados pela grande mídia, sem qualquer zelo sobre seus efeitos, em muitos casos, demonstram um verdadeiro descompasso com os reais objetivos dos Direitos Humanos, como igualdade e equidade⁸. Disfarço com o capuz da liberdade de expressão, os discursos de ódio, corrosivos para qualquer democracia, despertam naquele o sentimento de representativa para sua legitimação na vida pública.

Os discursos acabam por ramificar uma série de atitudes e valores que envolve o sentimento da insatisfação: o ódio, igualado à *ira* tal como entendiam os antigos gregos, personificação da vingança, do rancor. Uma classe média brasileira, portanto, rancorosa por não ser elite, apesar de achar que faz parte, exige pela reafirmação de um trono em decadência que, em nome Deus, desdenham do amor ao próximo.

Segundo Souza (2015), a classe média brasileira é rancorosa por não ter seus privilégios atendidos, descamam sua megericidade (referente à Megera, deusa grega do rancor) às classes sociais mais vulneráveis. Odeiam a população mais pobre, adoram falar mal do *funk*, mas dançam. Estabelece-se, portanto, a hipocrisia como motor de uma política que busca resgatar valores morais sob os quais não cumpri. Traz uma concepção de vida onde a defesa da Sagrada Família de Bem – representada pela elite-branca-cristã – torna-se o ícone central de seus discursos, uma *doxa* (δόξα) imperativa de determinação ética e política.

A respeito do discurso, Foucault (1986, p. 56), por exemplo, nos orienta que tudo, no final das contas, acontece na prática, ou seja, não é mais suficiente analisar os discursos pelas palavras em si, no entanto, evidentemente, sem as negar, mas considera-las enquanto manifestação de fatos de tais signos que compõe as palavras, isto é, “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Por exemplo, quando Bolsonaro fala em **Família** (apesar de sua instabilidade familiar/conjugal), **Deus** (apesar de não exercer a solidariedade

⁸ “Artigo 10º Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.”

conforme Cristo) e o **Estado** (incentiva ações antidemocráticas e, portanto, o fim do Estado), se refere à uma ordem, embora em decadência, porém, ainda válida por estar ligadas a valores enraizados, moralmente, na cultura de uma classe média que encontrou, mais uma vez, um representante de seus interesses egoístas.

Uma espécie de niilismo, tal como entende Nunes (2015), ao interpretar Nietzsche, transcorre pelas práticas discursivas, incorporando o ódio como sentimento em comum. Potencializando a dependência relacionada ao culto à personalidade, a política bolsonarista transconfigura a realidade como um grande espetáculo. Em meio a essa espetacularização da realidade, existe, nas entrelinhas, a desvalorização da existência e, portanto, um menosprezo da vida e da morte (SILVA, 2020; 2021).

Dentro essa lógica, o sentido de ambos ou a busca pelo sentido se torna algo vazio e perda de tempo. *Pensar* exige, segundo Lévinas (1997), um certo engajamento, compromisso que recorre as nossas bases educacionais. Bom, quem hoje no Brasil, em meio aos números crescentes de desemprego, enfim, das incertezas, possui tal engajamento para pensar acerca do sentido de sua existência e, por essas vias, questionar que o bolsonarismo é, de fato, um retrocesso político, ético e moral?

O hábito de ouvir ou mesmo vivenciar a morte de uma pessoa pela Covid-19 cotidianamente tornou a própria morte algo comum, normal. Ao anunciar que uma pessoa fora acometida por esse vírus, encontra-se, nas entrelinhas, a cumplicidade do atual Governo Federal⁹ e, portanto, a morte se tornar um projeto político. A naturalização da(s) morte(s) através dos discursos negacionistas vem concretizando, cada vez mais, a suspensão dos valores democráticos em prol da monetarização da vida. O filósofo Achille Mbembe (2018), chamaria essa prática de “necropolítica”. Desta forma, o exercício de uma alfabetização da morte como compreensão da existência e vice-versa, torna-se um trabalho homérico. Como se fosse normal morrer de uma doença sob a qual já se possui vacina.

Com base em Agamben (2004), em destaque para sua obra *Estado de Excessão*, podemos dizer que tal política é, na verdade, um profundo processo estrutural-simbólico que percorre não somente o campo econômico, mas, sobretudo, a esfera jurídica, pois necessita da legitimação. Não que a Constituição Brasileira de 1988 permita o que vivenciamos hoje a partir

⁹ As últimas notícias que, agora, estão sob investigação da CPI da Covid-19, conduzem para ilegalidade de testes em paciências com a utilização de medicamentos duvidosos para o tratamento da doença. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/medicos-da-prevent-relatam-ameacas-e-grupo-de-advogados-pede-protecao-a-cpi/>. Acessado em 20 de setembro de 2021.

do que já foi exposto. Todavia, por um outro lado, até o momento, não há punições equivalentes aos crimes de responsabilidade cometidos pelo Governo de Bolsonaro.

De um modo geral, a partir deste pensamento, podemos associar a ideia de que o Governo Bolsonaro “não funda nem conserva o direito, mas o suspende” (AGAMBEN, 2004). Um projeto político da morte que ecoa quase que tranquilamente por aqueles/as que afirmam se tratar de uma “seleção natural” de base teológica, onde “Deus sabe o que faz” e que, portanto, nada podemos instituir e, inclusive, nem mesmo a ciência pode contradizer. É o negacionismo em sua forma pura, manifestado em nossa realidade por meio das *fake news*. De tal maneira, o Governo bolsonarista fica isento de culpas e punições, até o momento.

Desta maneira, o bolsonarismo é, essencialmente, um paradoxo em si mesmo, pois para legitimar seu direito – uma ordem de exceção – acaba, por sua vez, colocando em suspenso o mesmo direito que um dia o legitimou. Em outras palavras, o bolsonarismo não possui bases sólidas, pois concretiza seu direito pela negação do mesmo, onde a vida, agora, é reduzida à violência sem que, necessariamente, haja punição.

É uma forte aproximação com o “Estado de Exceção” desenvolvido por Agamben (2004), pois, além do que foi exposto, nos ajuda a compreender a fragilidade de nossa democracia. A “exceção” aqui não é simplesmente o que está fora das esferas privilegiadas, mas o que está precisamente inserido na esfera social e que, agora, mediante essa “naturalização da morte”, evidencia-se, segundo Pereira (2020), uma “política da morte”, ou seja:

A pandemia do COVID-19 deixou descoberta uma política de morte que há muito tem sido prática comum nos Estados capitalistas. Mas, neste momento de exceção, em que o Estado é chamado a tomar as medidas necessárias para proteção da vida humana, podemos perceber com clareza o quanto a política de morte (que define quem devem ser morto ou quem se deixa morrer) está no cerne do modo como o mercado e o Estado atuam. Em cada contexto, a perversidade dessa política de morte se denuncia. A morte de uma fração da sociedade não é uma fatalidade, resultado de acasos, mas produto de uma indústria altamente organizada (PEREIRA, 2020, p. 27).

Neste momento, podemos destacar dois pilares para a política da morte aqui no Brasil: 1) os fundamentos gerais do cristianismo propagados de forma perversa; 2) a mágoa/rancor da classe média o que, por sua vez, incorpora os interesses neoliberais.

Ambas as noções, interpenetradas, proclamam a legitimação do direito pela negação do mesmo. É o paradoxo da ordem política-jurídica pela suspensão da ordem, de tal maneira que a morte é legitimada em prol de uma estrutura carente de bases sólidas, mas que possui seguidores, adeptos que a legitimam enquanto cidadãos patriotas. Podemos dizer, portanto, que a classe média brasileira, segundo Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização*,

expressa a vontade de seletos grupos que, viciados em privilégios, apela, até mesmo, às políticas repressivas e autoritárias para a garantia dos mesmos (Figura 2).

Figura 2 - A cegueira política e social compartilha, no dia 7 de setembro



Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opinia0/c0lunistas/william-santos/o-que-esta-em-jogo-para-os-aliados-de-bolsonaro-no-ceara-no-dia-7-de-setembro-1.3131605> (arquivo público).

Um ato que, infelizmente, alcançou boa parte das cidades brasileiras, em menor ou maior grau. A cumplicidade com regimes autoritários revela que a classe média busca defender seus interesses mesmo que isso colabore com a violação de seus direitos fundamentais estabelecidos pela Constituição de 1988. A classe média, sempre articulada no sistema econômico e político, percebe, mais uma vez, uma oportunidade de reafirmar sua aproximação com a elite mediante seu “complexo de vira-lata” e descaso com os mais vulneráveis. Em outras palavras, o “modelo econômico”, conforme Santos (2002, p. 137), importa mais que o “modelo cívico”, de tal maneira que a classe média brasileira não quer direitos, mas privilégios disfarçados em mugidos pela liberdade e democracia (Figura 3).

Figura 3 - Caminhando para o abismo, dia 7 de setembro



Fonte: <https://midiamax.uol.com.br/brasil/2021/foto-de-bolsonaristas-ao-lado-de-morador-em-situacao-de-rua-viraliza> (conteúdo público).

A inconstitucionalidade da classe média é um reflexo histórico que, pelo menos desde a ditadura militar (1964-1985), vem ganhando força para uma demasiada ampliação de seus privilégios econômicos, políticos e sociais. Uma ética classista se estabelece onde a única consciência recorre ao sustento desses privilégios viciantes. A preocupação, por assim dizer, desta classe média brasileira, a dita “família de bem”, é de restabelecer ou buscar por tais vias, estratégias que possam sustenta-la enquanto modelo de sociedade. O modelo de família ideal é recriado, mas sem levar em consideração a formação econômica e humana do Brasil que é complemento desigual em seu próprio tecido social.

Entre as figuras 2 e 3, existem elementos em comum: geralmente são pessoas fantasiadas com a camisa da seleção brasileira; usam a bandeira nacional como proteção de alguma coisa; estimulam a ideia da intervenção militar, ou seja, o retorno da sanguinária ditadura militar, porém com Bolsonaro no “poder”, mas esquecem que numa ditadura a população não tem direitos de escolha, caso contrário, não seria ditadura; carregam o semblante da tristeza e, ao mesmo tempo, de fúria no olhar com o peito estufado; quando questionados não sabem responder, típico de tal movimento; e por fim, a presença do culto a personalidade estampado nas camisas, *banners*, etc. Isso é idolatrai, conforme a bíblia, em Deuteronômio (5:8 – 10).¹⁰ Um sentido hegemônico de brasil é, portanto, reforçado.

O próprio “sentido de brasil” é problemático, conforme Darcy Ribeiro (2006). E isso deve ser levado em consideração ao analisarmos que a classe média, por sua vez, acaba por utilizar de discursos hegemônicos, justamente para contrariar os fatos históricos da formação do Brasil. O amplo sentido político e econômico, por sua vez, é incorporado como verdade, onde o ícone referencial estar na sustentação de uma classe que pouco considera a vida dos mais pobres em um mesmo patamar de dignidade humana. Dessa maneira, a vida-e-morte, sobretudo hoje, torna-se algo banal, na medida que as populações mais pobres são condicionadas à própria sorte. Encontramos, nessa breve análise, a suspensão da solidariedade, da democracia reduzida à valores mesquinhos do salve-se-quem-puder e, com isso, fortalecendo dificuldades para o exercício da democracia.

Instaura-se ou se assegura a competitividade, as relações narcísicas, à uma ética onde os valores morais estão, imprescindivelmente, associados à lógica do mercado financeiro. É a

¹⁰ “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelo pecado de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações os que me amam e obedecem aos meus mandamentos.”

monetarização da vida-e-morte, ou seja, a vida digna associada aos valores do utilitarismo, da existência compreendida, dentro desta lógica perversa, como parte estratégico da atual política da morte, algo que Mbembe (2018) chamou de “necropolítica”. A existência reduzida à lógica narcisista do salve-se-quem-puder ecoa não somente pela dimensão material da vida, mas simbólica, que pode nos conduzir ao pensamento de que o sujeito na condição de rua (figura2) é um corpo passível de estar ali, como se fosse algo normal.

Na verdade, segundo Mbembe (2018), há uma espécie de naturalização de corpos que podem sofrer com este descaso e, inclusive, são corpos que podem morrer. Enquanto outros, que caminham com as bandeiras em suas costas, como se fossem salvadores da pátria, convocam a si mesmos à um projeto que se sustenta pela ignorância e completa distorção da realidade. É algo que nos faz lembrar de Laura, vítima de uma sociedade hipócrita, mesquinha, de pessoas que todos os dias, incansavelmente, escondem seus rastros de pecados, mas arremessam pedras contra àqueles/as que tem a sua vida exposta, justamente para direcionar o foco de luz para os quais poderiam se destacar, desrespeitando, de tal maneira, o estatuto histórico de formação do outro. Podemos dizer, então, que Laura vive em uma cidade onde a sociedade é composta, majoritariamente, pelas ditas “famílias de bem”?

O sentido político de vida-e-morte, conforme essa moralidade do bem vs. mal, convoca a consciência de que, assim como Laura, boa parte da população também possui sua existência condicionas ao ritmo do grande espetáculo que vem se tornando a política brasileira. Os sistemas simbólicos-estruturais, que sustentam o tecido social, como um simples ato de dialogar, se tornou alvo de desdenho por parte daqueles que não vêm como parte de um todo, mas de todo fora à parte. Cabe-nos, então, propor a ideia da existência como preparação para morte, não somente como filosofia, mas como prática estratégica de que a vida-e-morte acontecem simultaneamente, estão interpenetradas e, portanto, acontecem no aqui e agora.

É uma preparação por que exige de cada um de nós, a consciência de que habito a Terra como lar comum de todos os seres bióticos e abióticos e que, além disso, pode nos conduzir à um humanismo onde natureza-sociedade são um só dimensão, tal como propõe Krenak (2020). Por outra razão, é um projeto humanista na medida em busca reforçar a solidariedade e o entendimento de que a diversidade é parte constituinte de nosso ser. O bolsonarismo não entende isso e, como é de costume, desdenha do sentido de vida-e-morte, banaliza, por assim

dizer, a existência, os modos-de-ser-e-estar-no-mundo. Consideremos, por exemplo, os últimos escândalos investigados pela CPI da Covid-19 relacionados à Prevent Senior¹¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não cultivar a psicologia barata! Nunca observar por observar! Isso produz uma falsa visão, uma visão de soslaio, algo forçoso e exagerado [...]”

Nietzsche (2008b).

Ao observarmos a realidade, é necessário avançar para suas profundezas, a raiz, onde tudo possivelmente começa. Esse mergulho penetrante nos estimula a pensar nossa condição humana, numa espécie de reflexo mal condecorado onde cabe quem busca ver, uma certa sensibilidade não somente ocular, mas de todos os sentidos. É um processo permissivo de libertação das palavras para o rompimento dos muros e aberturas de pontes. Heidegger (1954) entende a metáfora da ponte como abertura para outros lugares, possibilidades para a transcendência de si, no mundo, a partir do que é realizável.

Nietzsche (2008) nos propõe uma postura, um modo de ser-no-mundo, uma atitude que busca encarar o abismo da complexidade factual por meio de uma psicologia (análise) profunda e interpretativa dos fenômenos trágicos da vida. Isso envolve a política, economia, ética e moral, pois trata-se de escancarar frente-a-frente os sistemas abstratos que, constantemente, buscam reduzir nosso ser ao subsolo do silêncio. Não é somente observar, pois é necessário se preservar mediante a observação para a mínima aproximação com a lucidez do fenômeno existente. Um exemplo interessante é Bachelard (1994) em sua *psicanálise do fogo*, ao descrever a aproximação da criança com este elemento.

Existe, hoje, no Brasil, um sistema abstrato que, sob bases fundamentalistas, proclamam a independência da ignorância como modo de vida. A ciência, em prol da dignidade humana, por um outro lado, é tratada com menosprezo e sinônimo de práticas comunistas. Discursos esses que se assemelham aos proferidos pelos regimes fascistas e nazistas.

¹¹ Relato da advogada Bruna Morato à CPI da COVID-19. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gwyXm4L18Yw>. Acessado em: 29 de setembro de 2021.

Mediante à essa realidade, precisamos nos questionar a respeito do sentido da vida-e-morte e a finitude que nos é imposta por decisões no plano político-jurídico, mas que possuem suas nascentes no plano social, de uma necessidade representativa sob a qual articula interesses mesquinhos. Portanto, o presente texto é, além de um ensaio de escrita acadêmico, é, de certo modo, um registro histórico e factual de realidade brasileiras compartilhadas e sentidas e diferentes maneiras, que não poderiam escapar desta análise, pois faço parte dela.

A finitude condiz com a caligrafia que cada um, a sua maneira, direciona sua vida e destino, na busca constante do sentido de sua existência. Existir, repito, não é somente um caráter biológico nem tão somente psíquico, mas como propõe Frankl (1987), é um posicionamento perante as dificuldades e, em meio a esse processo, busca-se pelo sentido de vida, por uma razão do *porque* viver. É a disposição mediante as situações como elas se manifestam enquanto fenômenos de uma realidade em confluência com nossa “percepção de mundo” (MERLEAU-PONTY, 1994). Trata-se de um exercício que busca nos orientar para as factualidades, isto é, para mundo em suas transformações históricas.

O modo como a atual realidade vem nos afetando – cada um à sua maneira – desloca a órbita de meu corpo para outras constelações de pensamento, fazendo-me, muitas vezes, repensar a minha própria existência na constituição dialógica para quem comigo compartilha desta realidade. É um plano que busca reviver uma possível pedagogia da existência, desvelando um diálogo sincero sobre a importância de todos nós no aqui e agora.

Caso contrário, a morte ainda vai nos servir como fonte de fuga, medo e tabu, beirando a banalidade. Precisamos, portanto, trabalhar a consciência da transcendência de si onde a morte é, de fato, um absurdo sob o qual precisamos assumir, pois atingi diretamente nossas vaidades (ego) e, a partir deste ponto, realinhar a morte como dimensão que se mistura com meu corpo em vida, enquanto ele pode respirar e sentir as coisas em si mesmas.

A partir disso, há necessidade de um estudo profundo acerca da experiência estética da morte e seu sentido político, ético e moral em prol de uma formação educacional capaz de dialogar com nossa finitude e percepção de mundo de forma sincera. Evidentemente que se trata de um processo histórico, mas que nada nos custa pensar sobre e entender que, por exemplo, o meu caminhar só se entende na caminhada, no ato andante do meu corpo desejante de sentido de vida, onde a finitude não é fim, mas, sempre, um recomeço.

A existência, neste ponto vista, manifesta-se como preparação para morte, pois mesmo o caminho não sendo linear, o encontro com a morte, enquanto esgotamento biológico do corpo que nós mesmo somos, é inevitável. O respeito entre o primeiro choro e o último deve ser

preservado, de forma que qualquer força determinante, seja ela de cunho familiar ou político, deve ser questionada. Daí pararmos um momento para refletir sobre a política da morte que vem nos cercando e suas implicações existenciais, deixando como herança o adoecimento dos lugares, dos corpos, fobias da própria existência que, em muitos casos, fragilizada pelas incertezas do amanhã, carrega consigo um grito agonizante em prol da vida digna.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal**. Tradução de Ana Corrêa da Silva. Coimbra: Tenacitas, 2003.

_____. **O que é política?**. Editora: Bertrand Brasil, 2018.

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martin Fontes, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Trad.: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FRANKL, V. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina, 1987.

FREITAS, F. S. A Perspectiva Biopolítica da Medicina Social: SUS, PSF, Neoliberalismo e Pandemia. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 12, n. 31, p. 186-213, 2020a.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 2ª Ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

_____. Construir, habitar, pensar. 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcanti. Bauen, Wohnen, Denken, 1951. In: Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em **Vortáge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen**, 1954.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

JURANDIR, D. **Chove nos campos de Cachoeira**. Belém: Pará.grafo, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOUREIRO, V. R. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir**. Estudos avançados, v. 16, p. 107-121, 2002.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. Como se chega a ser o que se é. Trad. Artur Morão. LusoSofia. 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_ecce_homo.pdf.

_____. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008b.

NIETZSCHE, F. **O anticristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PEREIRA, E. A. D. A pandemia capitalismo: espaços outros. In: COUTO, A. C. O.; MENDES, L. A. S. (Orgs.) **Reflexões geográficas em tempos de pandemia**. Ananindeua: Itacaiúnas, 2020.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARTRE, J.-S. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. de João Batista Kreuch. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes editora, 2014a.

_____. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014b.

SOUZA, J. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SILVA, F. K. R. **Geografia e Fenomenologia**: por uma ontologia do espaço e do lugar. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia) Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2015, p. 95.

_____. Vida, Morte e Cuidado: uma grafia acerca da existência em tempos de COVID-19. In: COUTO, A. C. O.; MENDES, L. A. S. (Orgs.) **Reflexões geográficas em tempos de pandemia**. Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2020.

_____. Corpo e mundo: devaneios existenciais em tempos pandêmicos. **Geografares**, n. 32, 2021.